

**“NELAS PRÓPRIAS E NOS FILHOS NASCIDOS DOS ESTUPROS,  
MULHERES QUE ENCONTRARAM UMA FONTE VIVA DE CORAGEM E A  
FORÇA PARA SOBREVIVER”:** NARRATIVAS NA OBRA **A MULHER DE PÉS  
DESCALÇOS, DE SCHOLASTIQUE MUKASONGA**

**PRISCILA SANTO ROCHA<sup>1,2\*</sup>, RENILDA VICENZI<sup>2,3</sup>**

## **1 Introdução**

Tomando como base a conceituação de Mignolo (2017) acerca da ideia do ‘outro’, torna-se evidente que a construção cultural e histórica é empregada para delinear e classificar aqueles que são percebidos como distintos em relação a um paradigma predominante. Consequentemente, pelo olhar colonialista há uma lacuna na compreensão das culturas materiais e imateriais das sociedades africanas. Na tentativa de preencher estas lacunas as obras literárias africanas desempenham um papel crucial ao destacar o continente africano e ao refletir as experiências vivenciadas por sujeitos historicamente denominados de ‘outro’. Isso significa que tais obras não apenas abordam a história da África, mas também encapsulam as vivências profundas e multifacetadas das pessoas e sociedades que residem ali, contrapondo-se as visões limitadas e estereotipadas que prevaleceram por muito tempo.

Ao imergir no âmbito dessas vivências, torna-se claro que a literatura, evidenciada por meio das perspectivas das mulheres negras africanas, desempenha um papel essencial na reconstrução das narrativas históricas que foram moldadas pelos mecanismos de opressão da sociedade ocidental. No âmbito desta pesquisa, a literatura assume o papel de uma ferramenta crucial para a investigação das experiências das mulheres africanas durante os anos de 1990. Esse enfoque se baseia nas representações das mulheres presentes na obra ‘A Mulher de Pés Descalços’ (2017), de Scholastique Mukasonga. Ao destacar as vozes e vivências das mulheres, essa literatura rompe com as perspectivas eurocêntricas predominantes e, entrelaçada aos

---

<sup>1</sup> Estudante de graduação em História, Licenciatura, na Universidade Federal da Fronteira Sul, *campus Chapecó-SC*, contato: [procha026@gmail.com](mailto:procha026@gmail.com)

<sup>2</sup> Grupo de Pesquisa: GRUPEVD (UFFS)

<sup>3</sup> Doutora em História pela UNISINOS, professora do Curso de História e do Programa de Pós Graduação em Educação na Universidade Federal da Fronteira Sul. Contato: [renilda.vicenzi@uffs.edu.br](mailto:renilda.vicenzi@uffs.edu.br)

debates do feminismo negro fornece uma visão mais autêntica e abrangente da realidade vivida pelas mulheres negras afrocentradas, permitindo uma reconstrução mais fiel e inclusiva da história.

## 2 Objetivos

O propósito geral do trabalho é compreender as ações vivenciadas pela mulher africana, especificamente as ruandesas, como as Tutsis, na construção da cultura material e imaterial. Especificamente, analisamos a literatura africana em perspectiva de raça e gênero como enfoque para abordar as dinâmicas e experiências das relações femininas; identificamos as categorias de maternidade, trabalho, educação e solidariedade nas vivências narradas na obra.

## 3 Metodologia

Com o intuito de estabelecer uma base sólida no âmbito do feminismo negro, este estudo busca estabelecer um diálogo interdisciplinar entre a literatura africana e as perspectivas de raça e gênero. Segundo hooks (2019, p. 24), “muitas teorias femininas foram elaboradas por mulheres privilegiadas que vivem no centro, cujas perspectivas sobre a realidade raramente incluem o conhecimento e experiência vivido por aquelas mulheres e homens que vivem na margem”. Sendo assim, nosso enfoque central recai sobre a obra “A mulher de pés descalços”, escrita por Scholastique Mukasonga, que servirá como nosso principal material de análise. Isso nos permite compreender de que maneira a literatura pode ampliar as vozes das mulheres marginalizadas.

Com o objetivo de aprofundar nossa compreensão das relações em questão, estabelecemos categorias como maternidade, solidariedade, trabalho e educação que foram submetidas a análise no retrato da mulher negra, especificamente a Tutsi. Ao identificar e explorar essas categorias promovemos diálogo enriquecedores com a fonte, e a perspectivas teóricas que iluminam as complexas interseções de raça e gênero (hooks, 2019).

## 4 Resultados e Discussão

No processo de desenvolvimento da pesquisa, almejamos destacar as perspectivas multifacetadas das mulheres de Ruanda - África. Reconhecemos que uma maneira eficaz de enriquecer essa compressão reside na exploração das contribuições destas mulheres africanas. A abordagem textual que nos proporciona revelações e acesso a análise se origina da perspectiva memorialística de uma mulher negra Tutsi. Esta abordagem nos permite adentrar nas

complexidades da experiência em grupo, proporcionando uma janela para compreender a história e o papel das mulheres Tutsis em Ruanda.

Compreendemos a importância de identificar as relações no contexto de Ruanda, visto que isso é fundamental para a compreensão dos subsequentes conflitos entre os grupos étnicos Tutsis e Hutus. Inicialmente, conduzimos uma análise por meios de leituras de artigos que delinearão as dinâmicas da sociedade de Barnyarwanda no período pré-colonial. Conforme Ferreira (2014, p.4): “Os grupos sociais hutu e tutsi existem enquanto grupo étnico na medida em que estes se pensam e reconhecem como tal”. Dentro desse contexto social as distinções entre os grupos eram evidentes e tinham impacto direto nas hierarquias estabelecidas. Durante esse período, as relações estavam configuradas em um sistema social aristocrático, no qual os Tutsis detinham poder enquanto os Hutus mantinham um papel de desempenho de tarefas de subserviência. Esse arranjo resultava em um acordo tácito que regia as interações da sociedade na época.

Quanto a funcionalidade da sociedade com a chegada no século XIX dos belgas a região, percebe-se que as relações entre os grupos étnicos se tornaram ainda mais frágeis, uma vez que houve um favorecimento explícito de um grupo em detrimento do outro. Ao longo do tempo, as transformações impostas pelos colonizadores belgas, bem como alianças estratégicas, provocaram uma reorganização social. Essa nova ordem social foi notadamente identificada através da emissão de carteiras de identidades, as quais diferenciavam nitidamente os grupos étnicos. Este sistema de diferenciação, implementado pelos belgas, acabaria por gerar um conflito iminente, uma vez que serviu como um catalisador para as tensões acumulativas entre Tutsis e Hutus.

A partir das tensões é que Mukasonga (2017) escreve, e demonstra que as mulheres negras são fortes marcadores de resistência, resiliência e luta, enfrentando constantemente obstáculos que permeiam as várias categorias sociais e políticas em que estão inseridas. aprofundamos a análise sobre o papel central das mulheres negras, explorando as interações entre história e a narrativas pessoal da autora. Essas discussões foram delineadas por meio da aplicação de categorias, que ao serem exploradas abrangem as experiências das mulheres Tutsis e sua colaboração quanto a cultura material e imaterial.

A categoria maternidade contextualiza-se em diversos esforços seja ela por sangue, de criação ou da comunidade, afirma Collins (2019). Quando se trata da maternidade negra, opressões podem ter um impacto particularmente forte, pois mães negras muitas vezes são

estereotipadas como inadequadas ou desleixadas. A maternidade negra perpassa por diversas lutas. A mãe negra, além de ser responsável pelo cuidado e proteção de seus filhos desempenham papel fundamental na comunidade.

Na categoria solidariedade, as mulheres negras, em particular, têm histórias e experiências semelhantes de opressão e marginalização, o que torna ainda mais importante que elas se apoiem e trabalhe juntas para alcançar a igualdade e a justiça. hooks (2019) afirma que as ações essenciais que tornam a corrente da irmandade fortificada acontecem quando mulheres negras buscam os próprios caminhos e meios para que a comunicação seja feita e as experiências individuais de cada uma seja valorizada, pois solidariedade e se envolver também com as necessidades de cada uma. A relação solidária entre as mulheres é influenciada por diversas fatores, incluindo cultura, tradições e estrutura sociais. Na sociedade Ruandesa a valorização dos laços comunitário e de parentesco refletiam entre as mulheres. A tradições, os rituais eram cultuados em conjunto que valorizam os laços entre elas.

Dentro da categoria do trabalho, as mulheres negras têm enfrentado desafios singulares. Elas confrontam obstáculos adicionais em relação ao progresso profissional, muitas vezes sendo confinadas a empregos de baixa remuneração, precários e carentes de perspectivas de ascensão. É relevante considerar que o paradigma ocidental influenciou profundamente a compreensão do trabalho das mulheres negras, inclusive no contexto ruandês, onde as mulheres tutsis tradicionalmente desempenhavam atividades artesanais que demandavam habilidades específicas. Nesse âmbito, é essencial reconhecer que as experiências e necessidades das mulheres variam conforme fatores como raça, ocupação e contexto, destacando a complexidade intrínseca dessas dinâmicas.

Na esfera da educação, a mulher negra enfrenta desafios adicionais ao buscar a educação formal. Em Ruanda, os conhecimentos tradicionais desempenham um papel fundamental na moldagem das gerações vindouras, transmitindo valores, saberes e habilidades cruciais para o progresso humano. A importância dos saberes educacionais transcende o ambiente escolar, abarcando não apenas as salas de aula, mas também os lares, as comunidades e a construção de um futuro mais auspicioso. Nesse contexto, a mulher negra enfrenta obstáculos específicos ao tentar acessar a educação formal, ao mesmo tempo em que se mantém envolvida na preservação e transmissão dos conhecimentos ancestrais que constituem a base da identidade e do avanço social.

## 5 Conclusão

Através da análise da narrativa de Mukasonga fica evidente que as mulheres negras possuem uma contribuição notável e enriquecedora para a história africana. As mulheres Tutsis emergem como figuras de grande força e resiliência, cujas vivências são enriquecidas pela coesão e solidariedade entre elas. A narrativa literária nos incita a considerar a importância de ouvir e aprender, reforçando a valorização e a preservação das culturas e histórias singulares. Ao examinarmos as categorias estabelecidas, percebemos que esses aspectos, que se originam da herança colonial, exercem impacto sobre as condições sociais e econômicas enfrentadas pelas mulheres. Isso destaca como as influências históricas continuam a moldar as realidades contemporâneas, ressaltando a necessidade de compreender e confrontar esses legados para promover mudanças substanciais na vida das mulheres negras.

## Referências Bibliográficas

COLLINS, Patrícia Hill. **Pensamento feminista negro: conhecimento, consciência e a política do empoderamento**. Boitempo editorial, 2019.

FONSECA, Danilo Ferreira da. Colonialismo em Ruanda (África): entre a exploração e a valorização (1918 - 1962). **Revista de História da UEG**, v. 5, n. 2, p. 199-218, 2016.

hooks, bell. **Teoria feminista: da margem ao centro**. São Paulo: Perspectiva, 2019.

MIGNOLO, Walter. Desafios decoloniais hoje. **Revista Epistemologias do Sul**, v. 1, n. 1, p. 12-32, 2017.

MUKASONGA, Scholastique. **A mulher de pés descalços**. São Paulo: Nós, 2017

**Palavras-chave:** Literatura africana; Mulher Tutsi; Raça e Gênero;

**Nº de Registro no sistema Prisma: PES 2019-0284**